AFRICAN CASHEW ALLIANCE

Bulletin d'informação

Building a competitive African cashew industry!

Edição 16

Agosto de 2011

www.africancashewalliance.com

Primeira Expo Mundial do Caju fará a sua estreia durante a Conferência Anual da ACA

A Expo Mundial do Caju, a qual terá sua primeira edição este ano, ocorrerá junto com a 6ª Conferência Anual da ACA. Esta exposição única de equipamentos e de fornecedores de serviços do setor do caju do mundo todo permitirá que os elementos-chave do caju possam tratar de todas as suas necessidades em um só lugar. Entre os expositores haverá fabricantes de máquinas automáticas de despeliculagem, descascamento e de classificação, equipamentos de pasteurização de castanhas e as mais novas tecnologias de pesagem e empacotamento. Os participantes poderão adquirir soluções inovadoras de mercado, com o objetivo de melhorar as suas operações, oferecidas por fornecedores de soluções prontas para serem usadas. Provavelmente também estarão presentes fornecedores de insumos e serviços do setor do agronegócio. Este evento adicional à conferência fornecerá ainda mais oportunidades para os participantes aprenderem mais sobre as melhores práticas no setor global do caju e fazerem contato com centenas de operadores, processadores e investidores do setor do caju do mundo todo.

A mecanização desempenhará um papel importante no desenvolvimento do setor africano do caju

A Expo Mundial do Caju surge em um momento crucial no desenvolvimento do setor africano do caju. Para que seja atingido o objetivo da ACA de capacidade adicional de processamento 100 mil TM na África em 2015, de 75 a 100 novas fábricas precisam ser equipadas por completo e há a necessidade de aquisição de cerca de 275 novas máquinas de despeliculagem. Sendo assim, esta exposição representa uma grande chance para facilitar esta expansão, possibilitar os investimentos para a atualização de fábricas e para impulsionar a produtividade em toda a cadeia de valor do caju.

Uma Força-Tarefa Mundial do Caju foi formada e a ACA foi eleita para o Comitê Diretivo

Cerimônia de assinatura da Força-Tarefa Mundial do Caju em Budapeste, na Hungria

Elementos-chave do setor global do caju estabeleceram uma Força-Tarefa Mundial do Caju durante a convenção anual do Conselho Internacional de Castanhas (CIC), em maio. A ACA foi nomeada para fazer parte do comitê diretivo de 10 membros, o qual desenvolverá um programa de orçamento, junto com as associações de caju da Austrália, da Índia, do Vietnã, do Brasil e grandes processadores e compradores de caju como a Kraft Foods, a Olam, a Rajkumar, a Intersnack e a Agência Richard Franco. *Continua na página 2*

Nesta edição

Força-Tarefa Mundial do Caju é Formada 2

A ACA Assina ME com a AID 3

Dias do Caju no Benim São Realizados 4

Rajkumar Prestes a Abrir Fábrica Totalmente Mecanizada no Gana 5

O Brasil Começa a Comprar CCN da África: Entrevista com Niel Hyde, IRACEMA 6

IAC Faz Parceria com SAP para Trazer TIC a Produtores de Caju 7

Envio de CCN da África para o Brasil – Junho de 2011

"Nós queremos produzir o máximo que pudermos e queremos aprender com as outras pessoas do mundo todo. Participar da ACA 2011 na Gâmbia nos dará a oportunidade de fazer isto!" - Jide Anjorin, ACET Nigeria

Supported by

Os Preparativos para a 6ª Conferência Anual da ACA estão em Andamento: Dê uma Espiada no Evento deste Ano!

Os principais elementos-chave do caju do mundo se reunirão de 19 a 22 de setembro de 2011 em Banjul, na Gâmbia, para a 6ª Conferência Anual da ACA. O evento deste ano ocorrerá sob o tema "Reunindo o Mundo do Caju" e refletirá o seu verdadeiro foco internacional através dos participantes, expositores e oradores presentes. À medida que os preços do caju atingem novos picos no mundo todo, este é um momento muito interessante para os principais atores de todas as áreas da indústria do caju se reunirem e mostrarem o papel estratégico da África no mercado mundial.

Depois da conferência bem sucedida do ano passado em Maputo, Moçambique, a qual contou com a presença de 200 participantes e teve 180 reuniões diretas entre empresas, o evento deste ano incluirá ainda mais oportunidades para os participantes se informarem sobre as últimas tendências no mundo do caju e estabelecerem relações comerciais duradouras com novos parceiros.

A terça-feira, dia 20 de setembro, contará com uma Sessão Plenária que durará o dia todo, composta de apresentações e falas feitas por especialistas em caju sobre as questões mais atuais do setor. Entre os tópicos planejados estão uma apresentação do Selo da ACA de Qualidade e Sustentabilidade, uma discussão sobre o setor do caju na Gâmbia e na região da SeGaBi, uma fala sobre as novas oportunidades no mercado mundial de cajus que tratará do tema "de castanha de luxo a petisco do dia-a-dia" e uma discussão sobre o descascamento manual versus o processamento mecanizado. Cada sessão contará com uma grande variedade de participantes internacionais em mesas-redondas, nas quais oferecerão as suas próprias perspectivas sobre estes tópicos altamente relevantes.

Para coincidir com a Primeira Expo Mundial do Caju, a quarta-feira, dia 21 de setembro, será dedicada ao Fórum da Expo Mundial do Caju. Este evento interativo e aberto permitirá que os participantes da conferência entrem em contato direto com os seus colegas participantes e os apresentadores. Cinco pavilhões temáticos, sendo cada um deles dedicado a uma parte diferente da cadeia de valor do caju, contarão com demonstrações, oficinas e debates. Os pavilhões experimentais incluirão tecnologias de cultivo, inovações no processamento de cajus, qualidade de comercialização, financiamento e investimentos e o ambiente habilitante. Além disto, o Fórum apresentará caminhadas com visitas guiadas através da Expo Mundial do Caju, um espaço multimídia e de entretenimento, uma sala aberta com estabelecimento de contatos e encontros marcados de Empresa a Empresa com parceiros comerciais em potencial selecionados.

No terceiro dia da conferência ocorrerão várias visitas opcionais de campo. Através destas visitas sem igual, os participantes poderão explorar e aprender mais sobre a Gâmbia, um país com potencial para se tornar um centro para o comércio de caju. As visitas de campo também fornecerão oportunidades para conhecer locais culturais maravilhosos da Gâmbia, incluindo um passeio pelo centro de Banjul e um passeio de barco até a ilha de Kunta Kinteh.

Por favor, viste o endereço www.africancashewalliance.com/conference para obter mais informações e saber os detalhes de inscrição.

A conferência será realizada no Kairaba Hotel Beach em Banjul

Primeira Reunião da Força-Tarefa Mundial do Caju Ocorrerá Junto com a Conferência da ACA

Continuação da página 1 -

Durante o período inicial de quatro anos, a força-tarefa colocará o seu foco sobre o desenvolvimento de padrões globais para o caju, bem como na pesquisa e na promoção dos benefícios do caju para a saúde. A promoção da força-tarefa, a qual mostraria os benefícios nutricionais do caju, causaria um impacto positivo sobre a cadeia de valor ao aumentar a demanda por cajus e, com isso, também tornaria o setor do caju ainda mais lucrativo e aumentaria o retorno deste tipo de colheita para os pequenos produtores rurais. Além disso, o comitê diretivo apoiará a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) no desenvolvimento de um programa para aumentar a safra global de cajus. É muito provável que a África seja o principal alvo desta iniciativa.

Durante os últimos quatro anos, a ACA liderou os esforços para estabelecer uma associação mundial do caju e continuamente defendeu que os objetivos comuns de todo o mundo do caju sejam transformados em realidade. A maior parte dos membros da força-tarefa fazem negócios significativos na África e já são membros da ACA. A ACA, portanto, está muito satisfeita em ver que a primeira reunião da força-tarefa seja realizada durante a Conferência Anual da ACA, a qual convenientemente tem como tema "Reunindo o Mundo do Caju".

Entrevista com Jim Fitzpatrick, Coordenador da Expo Mundial do Caju

Qual é o seu papel na organização deste evento?

Com base no meu papel de chefe de equipe do Estudo Global de Equipamentos para o Processamento de Cajus, feito no início deste ano pela ACA, o meu papel é o de promover a Expo ao encorajar fabricantes de equipamentos do mundo todo a participar e fazer a exposição de seus produtos durante o evento. Eu também coordenarei a oficina dos equipamentos de processamento durante a Expo e conduzirei uma caminhada para visitar os processadores e investidores em potencial.

Qual é o significado de realizar a Primeira Expo Mundial do Caju na África?

Os principais resultados do Estudo de Equipamentos de Processamento de Cajus foram a necessidade de aumentar o perfil do setor africano de processamento de caju (especialmente na Índia, no Vietnã e no Brasil) e a necessidade de haver mais competição, de forma a dar aos processadores mais opções de aquisição de produtos de fornecedores externos e para mostrar o vasto potencial que há na África aos fabricantes de equipamentos de outras partes do mundo. O objetivo é encorajar um ambiente propício para os negócios entre os processadores e os fabricantes de equipamentos. A Expo 2011 é um dos primeiros passos desta jornada.

O lugar dos principais países produtores já está estabelecido há muito tempo no mundo do caju. Há muito mais interesse agora do que em qualquer outro período anterior, tanto para o setor do caju quanto para as oportunidades em geral no Continente Africano. Esta Expo, a qual nós esperamos que cresça para se tornar um evento permanente no calendário do caju, será um encontro marcante porque a cada ano juntará as pessoas do caju na África para que estas possam fazer negócios e olhar as perspectivas de longo prazo para o nosso setor.

De que forma a Expo é única se comparada com outras exposições? O que os participantes da conferência podem esperar encontrar lá?

Ela é a única plataforma onde os fabricantes de equipamentos de caju de qualquer parte do mundo são bem-vindos de forma igual e encorajados a interagir com o setor. Os visitantes podem esperar encontrar tudo o que está ligado com os cajus e algumas coisas mais, além de sacos de juta e até mesmo classificadores óticos e, é claro, uma grande acolhida dos gambianos.

O que você espera que os expositores e os participantes ganhem principalmente com a sua participação na Expo?

A queda de barreiras, de forma que crie confidência e bons negócios possam ser fechados.

Os Processadores de Caju e Compradores Respondem Entusiasmados ao Desenvolvimento do Selo da ACA

As À medida que a ACA continua a desenvolver o seu programa único de segurança e de qualidade dos alimentos na forma do Selo da ACA, os elementos-chave de toda a cadeia de valor do caju reagem com entusiasmo e com grande expectativa. O Selo da ACA exigirá que os processadores tenham e mantenham sistemas que assegurem a conformidade contínua com controles que eliminem as principais causas de reclamações ou rejeições por parte de clientes, entre elas a infestação, os materiais estranhos, o entupimento / bloqueio, o gosto, a segurança dos alimentos e a conformidade com os graus de classificação. Ao assegurar aos compradores estrangeiros que os processadores da África cumprem estes critérios rigorosos, o Selo da ACA aumentará diretamente a competitividade do setor africano do caju.

Jace Rabe, Presidente da Tolaro Global, no Benim, cujas instalações participarão do programa piloto do Selo da ACA, está entusiasmado com o significado que o selo terá para a fábrica de processamento, a qual está praticamente pronta. "O setor do caju é notório pela presença de materiais estranhos, condições irregulares das fábricas e práticas pouco exigentes de processamento", ele disse. "O nosso setor como um todo está com grande urgência e necessidade de ter um programa padronizado de qualidade, no qual os usuários finais possam confiar, e eu penso que o Selo da ACA é a resposta para este dilema. Na condição de processadores de caju, nós estamos entusiasmados em usar este selo, já que sentimos que ele aumentará a confiança do comprador nos nossos cajus, bem como servirá para unificar e fazer avançar o setor africano do caju".

¨Na condição de processadores de caju, nós estamos entusiasmados em usar este selo, já que sentimos que ele aumentará a confiança do comprador nos nossos cajus, bem como servirá para unificar e fazer avançar o setor africano do caju¨ - Jace Rabe, Presidente, Tolaro Global

Todos os procedimentos de processamento serão avaliados e monitorados sob o programa do Selo da ACA

Além de aumentar a confiança dos compradores, o Selo da ACA também pode ajudar os processadores a economizar dinheiro. A implantação do programa do Selo terá como resultado quebras menores durante o processamento e menos processamento e limpeza. As estimativas preliminares preveem pelo menos 5 Centavos de Dólar de economia por libra (aproximadamente 454 gramas) de caju. Além disso, o Selo da ACA permitirá que os processadores tenham acesso a novos mercados, já que ele foi examinado e regulado para estar em conformidade com a Lei dos EUA de Modernização da Segurança Alimentar. A fidelidade do cliente será construída à medida que a qualidade do produto atraia compradores por repetidas vezes. O Selo da ACA também é mais barato de ser implantado do que outras certificação e foi feito especificamente sob medida para o caju africano.

Os compradores também estão satisfeitos com as perspectivas oferecidas pelo Selo da ACA e a sua capacidade de ajudá-los a assegurar um controle contínuo de qualidade. Os compradores também aplaudem a inclusão dos padrões de responsabilidade social no programa do Selo. Kees Cozijnsen, gerente de qualidade do Trade and Development Group, dos Países Baixos, disse que "o processamento de cajus na África está crescendo e o céu é o limite, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade". "O Selo da ACA possui o potencial de ser ponto central na melhoria da qualidade, de ser a conexão entre a indústria e os consumidores". Demonstrando o seu apoio ao programa, os principais compradores de caju, a Kraft e a Intersnack já se comprometeram ambas a comprar cajus aprovados sob o Selo da ACA. Este forte apoio dos atores do setor ajudará em muito para tornar o Selo da ACA um sucesso. O Selo da ACA será oficialmente lançado durante a 6ª Conferência Anual da ACA.

A AID e a ACA Juntam Forças para Promover os Plantadores e Processadores Sub-Regionais de Caju

Jo Anne Yeager Sallah, Diretora Nacional da AID

Oficiais da Ajuda Internacional e Desenvolvimento (AID) e da Aliança Africana do Caju (ACA) recentemente assinaram um Memorando de Entendimento (ME) entre as duas organizações, o qual promete levar a assistência técnica e o apoio organizacional para o setor do caju no Senegal, na Gâmbia e na Guiné-Bissau. Lá há uma grande necessidade para este tipo de ajuda.

O caju é um tipo de cultura relativamente novo na Gâmbia. Sendo assim, a AID, através do Projeto de Melhoria da Cadeia de Valor do Caju na Bacia Hidrográfica (localmente conhecido como CEP), feito pela USDA da Gâmbia, desde 2009 tem trabalhado com produtores de caju para selecionar regiões produtoras de caju da sub-região, a fim de promover o aumento das safras de caju e o fortalecimento das estratégias de comercialização. O objetivo da iniciativa da CEP é melhorar a renda dos produtores rurais de caju na sub-região.

Da parte da Aliança Africana do Caju, o membro do Comitê Executivo, o Sr. Ram Mohan, um dos exportadores de castanhas de caju, há muito vem apoiando o setor do caju na sub-região. O Sr. Mohan representou a Secretaria da ACA na cerimônia de assinatura do ME entre a AID e a ACA, realizada nos Escritórios da AID no dia 1º de julho de 2011.

O ME entre a AID e a ACA estabelece um fundamento sólido para a colaboração contínua e o apoio nas áreas de produção e de processamento de cajus, na promoção das castanhas de caju sub-regionais e na adição de valor aos produtos de caju para os mercados de exportação. A Diretora Nacional da AID, Jo Anne Yeager Sallah, expressou o seu entusiasmo pela parceria entre a ACA e a AID, notando especificamente que entre os membros da membros da ACA há os processadores e comercializadores de caju mais experientes e influentes do mundo. É estratégia da AID trazer especialistas de alto nível para a sub-região, a fim de introduzir técnicas de processamento de cajus mais eficientes e de alta qualidade. "O ME entre a AID e a AID fornece um fundamento fantástico para o nosso trabalho. O lema da CEP de que 'o caju são negócios' ganha vida através da ACA. O foco da ACA é o de tornar realidade as eficiências gerenciais no processamento e na produção, bem como enfatizar a profissionalização da produção e do processamento local de cajus, de forma que os empreendimentos do caju possam estar entre os empreendimentos comerciais mais bem sucedidos na sub-região".

Jo Anne Yeager Sallah, Diretora Nacional da AID, e Ram Mohan, Membro do Comitê Diretivo da ACA, dão um aperto de mãos no momento em que concordam em buscar atividades conjuntas para promover melhorias na cadeia de valor do caju na Gâmbia, no Senegal e na Guiné-Bissau.

O ME se estende para poder cobrir uma ampla gama de atividades que são desempenhadas no setor do caju, incluindo a participação na 6ª Conferência Anual da ACA e na Expo Mundial do Caju, a serem realizadas em breve.

Os Dias do Caju no Benim Foram um Sucesso

Boris Houenou, Secretário Nacional da ACA no Benim

Promovendo as cadeias de valor do caju no Benim. Este foi o tema sob o qual os atores do caju (produtores, processadores, comercializadores, exportadores, fornecedores de serviços, transportes, controle de qualidade, bancos, investidores em potencial, atores do estado e consumidores) se encontraram durante dois dias para os primeiros Dias do Caju no Benim.

Este evento, organizado pela ACA, foi realizado nos dias 30 e 31 de março de 2011 na Câmara de Comércio e Indústria do Benim. Com o apoio da Iniciativa Africana do Caju, Iniciativas de Apoio dos Setores Agrícolas de Atacora e Donga (FAFA-AD) da Cooperação Belga para o Desenvolvimento (BTC) e dos Ministérios da Agricultura e do Comércio do Benim, vários atores do setor do caju se reuniram para refletir sobre os negócios do caju.

Os elementos-chave se reúnem no Benim para discutir o desenvolvimento do setor do caju

Os participantes propuseram recomendações a serem sugeridas ao estado, especialmente nas questões de aquisição para os processadores locais e discutiram a criação de uma Plataforma Nacional de Caju (Interprofession de Cajou) no Benim.

O evento também foi uma oportunidade de negócios, através das reuniões entre a IAC, o Centro Chinês para o Desenvolvimento Socioeconômico no Benim, vários investidores e os bancos ECOBANK, BoA e BSIC. A IAC negociou parcerias com a BTC e o governo. A ACA também ganhará alguns novos membros por causa do evento: a BTC, o Centro Chinês e vários indivíduos. Os expositores da minifeira tiveram um volume de vendas maior do que na última Exposição Internacional da Agricultura, Animais e Pescados (SIAGREP). Dado o sucesso do evento, os participantes e oficiais concordaram plenamente que os Dias do Caju no Benim devam ser repetidos anualmente.

O Progresso Continua na Formação das Plataformas Nacionais do Caju

Nos últimos meses foram feitos grandes progressos na organização e no fortalecimento dos Comitês Nacionais da ACA. No fim das contas, os Comitês Nacionais serão associações independentes do setor privado cobrindo toda a cadeia de valor. Estes comitês facilitarão e coordenarão as atividades relacionadas ao caju em seus países, bem como promoverão os interesses dos negócios do caju junto ao governo e a outros elementos-chave. O Comitê Diretivo da ACA pediu para que cada Comitê Nacional desenvolva uma proposta de plano estratégico específico para o seu país, com o objetivo de desenvolver o setor do caju, a ser apresentado ao governo.

No **Benim**, atualmente o Comitê Nacional está no processo de organizar os inúmeros atores que estão envolvidos com o setor do caju (processadores, exportadores, compradores etc.) com o objetivo de ter uma estrutura organizacional estabelecida em setembro. Até o momento, o processo é liderado pela Secretaria Nacional da ACA e pelo Departamento de Promoção e Legislação das Propriedades Rurais (DPLPR). Houve progresso no grupo dos maiores exportadores, os quais começaram a tomar a liderança do processo. No momento, está sendo feita uma lista de exportadores ativos e, em breve, será lançada uma associação de exportadores sob a supervisão do Ministro de Comércio e da Agricultura. Da parte dos compradores, os principais atores reafirmam que uma Assembleia Geral com eleições será realizada até, no máximo, setembro de 2011. Há muitos atores ativos no Benim, os quais estão mais do que prontos para dar passos largos na direção da formação de um verdadeiro Comitê Nacional.

Em **Burquina Fasso**, uma associação nacional dos atores do setor está em processo de criação; além disso, também estão ocorrendo consultas com os elementos-chave. Estruturas regionais fortes serão criadas nas quatro principais áreas produtoras de Burquina Fasso, com a estrutura nacional agindo como uma federação das estruturas regionais. Os representantes regionais elegerão os líderes da entidade nacional. Esta estrutura organizacional é democrática e dará poderes para os melhores atores em nível regional. O Comitê Nacional de Burquina Fasso espera poder trabalhar para facilitar a cooperação público-privada entre as autoridades normativas, os fornecedores de assistência técnica, os investidores e outros parceiros do setor para o desenvolvimento do setor nacional do caju.

No **Gana**, o Comitê Nacional fez uma reunião em junho e concordou em rever o status legal e a afiliação da Associação de Processadores e Exportadores de Caju do Gana (APECG) para se tornar a entidade nacional. Propõe-se que ou ela ou o Comitê da ACA se torne a Entidade Executiva Nacional composta dos membros das várias associações do setor, tais como as associações de comercializadores, processadores e produtores. Alguns processadores e produtores rurais da Região de Brong Ahafo concordaram com esta proposta, enquanto que os comercializadores ainda precisam ser consultados.

Os atores ganenses do caju discutem a formação de uma organização nacional

Em **Moçambique**, a AICAJU, a Associação da Indústria do Caju, atua na condição de associação do setor privado. Com o apoio da IAC, a AICAJU desenvolveu uma estratégia e um plano de implantação de cinco anos. A colaboração entre a ACA e a AICAJU será formalizada através de um Memorando de Entendimento. Ambas as organização concordaram em compartilhar informações sobre o mercado do caju, as políticas nacionais, os desenvolvimentos institucionais e as melhores práticas. A AICAJU representará a ACA em Moçambique, enquanto que a ACA fará o mesmo pela AICAJU no nível internacional.

Uma reunião durante a Assembleia Geral da AICAJU

A Rajkumar Impex está Prestes a Completar uma Fábrica de Processamento Totalmente Mecanizada no Gana

A dois quilômetros de Techiman, na região central do Gana, um enorme prédio azul desponta no céu. Trata-se da nova fábrica da Rajkumar Impex, uma das principais firmas de processamento de cajus da Índia. Quando for completada no início de setembro, esta enorme fábrica será uma das primeiras plantas de processamento completamente mecanizadas na África, um passo estimulante no desenvolvimento do setor africano do caju. De acordo com a Rajkumar, este projeto, implantado de forma meticulosa por uma experiente equipe profissional, representará um momento muito importante na história do setor africano do caju.

O maquinário começou a ser instalado na Fábrica Rajkumar em Techiman

Construindo as Instalações

A Rajkumar Impex, junto com os seus associados, atualmente lida com cerca de 8% a 10% do caju no mundo. Nos últimos dez anos, eles estão entre os principais compradores de castanhas de caju in natura da África Oriental e Ocidental. A construção da fábrica no Gana faz parte do projeto de expansão mais ampla da companhia, a qual espera processar de 16% a 17% do caju mundial em 2015.

Ao explicar a decisão de sua companhia de começar o processamento de cajus diretamente na África, Rajkumar disse que "já que 50% das castanhas de caju in natura (CCN) são produzidas na África Ocidental, fez todo sentido considerar a possibilidade de instalar uma fábrica lá". Ele especificamente quer ajudar a apoiar as comunidades africanas locais, ao mesmo tempo em que reduz a pegada de carbono de seus negócios. Ao eliminar a necessidade de transportar as CCN para a Índia para fazer o processamento, os custos significativos de energia, combustíveis e de transportes são reduzidos.

A escolha de fazer a planta totalmente mecanizada foi inevitável, conforme explicado por Rajkumar, já que o mesmo número de trabalhadores pode processar até quatro vezes mais em volume quando estão trabalhando em instalações mecanizadas. A cidade de Techiman, no Gana, foi escolhida como local de instalação por causa de sua proximidade com as áreas produtoras de caju no Gana.

Quando a fábrica abrir, ela processará 50 TM de CCN por dia, em sua maioria originada do próprio Gana, e empregará cerca de 1 mil trabalhadores. "Todo o ciclo de processamento ocorrerá aqui", disse Rajkumar. Isto incluirá a secagem, a limpeza e a classificação das castanhas, bem como a torrefação, o descascamento, a despeliculagem, a testagem e a classificação das castanhas com maquinário de última linha. A classificação final e o empacotamento serão feitos à mão. As castanhas processadas serão enviadas diretamente das instalações para os clientes dos Estados Unidos, da Europa, da Austrália e da região do Golfo.

"Quando a fábrica abrir, ela irá processar 50 TM de CCN por dia e empregar 1 mil trabalhadores"

Impacto sobre as Comunidades

O recrutamento já começou em Techiman e nas áreas adjacentes para os 1 mil empregos que a fábrica irá criar. 90% destes empregos serão preenchidos por mulheres, entre elas algumas esposas de produtores locais de caju. A comunidade local recebeu a fábrica de braços abertos, entusiasmada com as novas possibilidades de empregos e a renda adicional que estes representam. Fred Zeini, um empreiteiro local, disse: "Você pode imaginar, 1 mil trabalhadores no final de cada mês, o quanto eles podem ganhar. Isto tem um grande impacto sobre a comunidade. Eles usarão este dinheiro para cuidar se suas famílias". Oduzo Richmond, um jovem que trabalha na construção da fábrica, deu eco a estes sentimentos: "Sem esta fábrica, eu não teria tido um emprego depois de ter terminado a escola".

A Rajkumar Impex planeja extrair o Líquido da Casca da Castanha de Caju (LCCC) das cascas de caju, o qual tem um amplo mercado mundial. Depois de extrair o LCCC, a casca, já sem óleo, será usada para mover um gerador de vapor que produzirá 1,5 MW de eletricidade no mesmo terreno da empresa. Depois de atender às exigências elétricas da planta, a companhia planeja vender energia para a Autoridade do Rio Volta e fornecer alguma energia sem custos para a comunidade local. Além disso, a companhia destinou GH$ 100 mil por ano para projetos locais, a fim de promover a qualidade na educação, incluindo a criação de uma biblioteca, o treinamento de professores e a promoção de atividades esportivas.

Olhando para Frente

Rajkumar espera que a fábrica em Techiman seja só o começo da presença expandida de sua companhia na África. Planos preliminares foram feitos para ter fábricas adicionais no Gana, na Costa do Marfim, na África Oriental e em Moçambique. Enquanto que a logística ainda permanece um desafio, ele está muito satisfeito com a sua experiência na África até aqui, especialmente em suas interações com os oficiais de governo e as autoridades locais.

Rajkumar acredita que muitos outros processadores estrangeiros possam seguir em breve os seus passos: **"Há muito espaço para outros investirem neste país e em países vizinhos e desenvolverem ainda mais o setor do caju".**

Máquina de Classificação com a mais avançada tecnologia

Rajkumar (à esquerda) discute a qualidade do caju

CCN prontas para serem processadas

Compradores Brasileiros Entram no Mercado Africano de CCN
Entrevista: Niel Hyde, IRACEMA

As CCN compradas pela IRACEMA deixam o porto de Guiné-Bissau em direção ao Brasil

O processador de cajus brasileiro IRACEMA recentemente começou a adquirir castanhas de caju in natura da África Ocidental. Niel Hyde, da Iracema e Presidente da Associação Combinada de Comercialização de Castanhas Comestíveis (CENTA), dá uma visão aprofundada da experiência de sua companhia.

O que fez a Iracema tomar a decisão de iniciar a comprar castanhas in natura da África? Nós já pensávamos há algum tempo em comprar cajus da África Ocidental, notamos que a produção continua a crescer lá, enquanto que a produção não está crescendo ou foi atingida com muita frequência por secas no Brasil. Além disso, por causa do maquinário de alta tecnologia recentemente desenvolvido, a nossa produtividade (junto com a dos nossos competidores) aumentou no Brasil, o que significa que podemos usar mais castanhas de caju em qualquer caso para ajudar a reduzir os nossos custos de produção. Por fim, a safra muito baixa do outono passado no Brasil, significou que não tínhamos outra escolha a não ser vir para a África, se não quiséssemos fechar as nossas instalações por vários meses por causa da falta de matérias-primas. A vantagem para o nordeste do Brasil é que a nossa safra pode ser colhida de setembro a janeiro em quase todas as partes, fazendo com que qualquer defasagem fique muito mais aparente, já que a África Ocidental colhe a sua safra seis meses mais tarde. Além disso, o Brasil fica só de 7 a 9 dias de distância em navegação direta, o que ajuda a manter a boa qualidade enquanto o produto está em trânsito.

Do ponto de vista dos negócios, até o momento você está satisfeito com a sua experiência na África Ocidental? Na verdade, nós estamos muito positivamente surpresos com a integridade contratual e a qualidade do material que compramos na África Ocidental até o momento. As nossas operações lá e a exportação resultaram de muito trabalho árduo dos nossos próprios especialistas do Brasil e das pessoas dedicadas com as quais trabalhamos na África, às quais somos muito gratos.

Como o setor africano do caju pode ser comparado com o do Brasil? O mercado de cajus in natura da África Ocidental provavelmente é mais sofisticado que o do Brasil, à medida que as nações compradoras que precederam a nossa chegada à África Ocidental já tinham estabelecido bons padrões de umidade e outros critérios de qualidade em geral (o que ajuda a proteger a qualidade do produto por mais tempo) para nós podermos seguir. Este é um benefício para todos os envolvidos, já que os cajus não ficam lá estragando, como ficariam se fosse de outra maneira, se toda a cadeia de fornecimento não entendesse a importância destes critérios.

Vocês têm planos para continuar a expandir a sua presença na África? Sim, nós temos, nós queremos comprar da África Ocidental todos os anos, de forma que também possamos atingir as economias de escala necessárias para as nossas próprias instalações com operações altamente mecanizadas.

Como o mercado do caju da África Ocidental pode melhorar para continuar a atrair ainda mais compradores internacionais como vocês? Eu penso que, em grande parte, a África Ocidental só precisa continuar a plantar cajueiros para continuar a atrair compradores. Contudo, é de vital importância que os cultivadores ou exportadores de caju da África Ocidental mantenham um alto nível de desempenho, tanto na qualidade quanto na integridade contratual, em todos os momentos, a fim de fazer com que os compradores continuem indo para lá. Os vendedores da África Ocidental não deveriam vender até que tenham certeza de que já asseguraram ou de que podem assegurar a tonelagem correta e a qualidade que desejarem contratar. Depois disso, eles têm de se ater ao contrato a qualquer custo. Fazer isto direito não pode ser subestimado em termos de valor para os países e as companhias envolvidas.

Qual o papel que a ACA tem desempenhado em seus esforços para expandir a sua presença no setor africano do caju? A ACA tem sido extremamente útil nas coisas pequenas, tais como ajudar na logística de viagem (vistos, acomodação, voos etc.), e ainda mais importante nas apresentações a oficiais de governo, a bancos, a companhias de apoio logístico e a todos os fornecedores importantes de castanhas de caju. Eu acredito que a ACA pode continuar a ser uma ótima assistência a compradores de caju da África ao manter uma lista de fornecedores aprovados (e compradores para estes fins). Isto pode ser mantido com base no histórico de desempenho, onde os desempenhos ruins são excluídos da lista, deixando apenas os melhores executores para progredirem através de sua inclusão constante na lista. Não há dúvidas que uma lista destas virá como uma grande vantagem para ser acessada e, é claro, como uma vantagem ainda maior para ser incluído nela.

Jeff Abel, Diretor Executivo de uma Firma de Inspeção, Oferece uma Visão Interna do Processo de Inspeção do Caju

Em junho, Elitza Barzakova, a gerente de integração de mercados do Centro do USAID para o Comércio na África Ocidental, teve a oportunidade de se encontrar com Jeff Abel, Presidente e Diretor Executivo da Foreign Trade Services (FTS). A FTS, uma companhia familiar em operação desde 1945, é considerada pela maior parte dos compradores de caju como a firma de inspeção mais confiável no setor e é responsável por inspecionar todos os cajus recebidos pela Kraft Foods. O Sr. Abel também é um especialista reconhecido em qualidade do caju. Aqui estão alguns destaques do relatório da Sra. Barzakova:

A FTS, assim como qualquer outra companhia de inspeção, assume o controle da remessa de caju no porto. Isto significa que a inspeção ocorre depois de qualquer dano de trânsito que possa ter acontecido em estradas ruins entre as instalações de empacotamento e o porto. Há uma expectativa de taxa de 2% de dano enquanto é feito o carregamento do navio. Uma vez que um contêiner chega aos armazéns do importador, uma caixa é retirada de forma randômica de cada um dos 13 paletes que compõem o contêiner para que sejam feitos os testes. Se um fornecedor foi problemático ou inconsistente no passado, duas caixas serão retiradas de cada palete. Estas amostras são enviadas para a FTS em um sistema de recipientes especialmente desenhados para eliminar o dano de trânsito das castanhas. Os excessos de fragmentos do palete-caixa também são examinados.

Jeff Abel faz a contagem dos tamanhos das amostras nas instalações da FTS

Assim que chegam às instalações da FTS, as amostras são homogeneizadas. Se necessário, uma amostra asséptica pode ser retirada para fazer a análise microbiológica. Uma porção da amostra é triturada e é feito o teste de umidade. Os tocos e as lascas das amostras são classificados e pesados, bem como as castanhas para verificar a presença de tegumento exterior (casquinha) e sujeira incorporada. Toda a classificação é feita a olho e por funcionários altamente treinados. As castanhas com tegumento exterior e sujeira voltam para a amostra para serem contadas, a fim de determinar o grau de classificação. Antes de o processo ser completado, castanhas adicionais são selecionadas para serem partidas, a fim de verificar se há a presença de quaisquer bichos, mofo ou ranço. Uma outra amostra é torrada, processo que serve para verificar a cor, marcas de arranhaduras, heterogeneidade e sabor. Este é o passo que completa o processo de inspeção.

O Sr. Abel relata que os maiores problemas com o caju que vem da África são as infestações (em cerca de 15%, isto está em linha com as taxas globais), quebras (também em igualdade com as taxas globais) e tegumentos exteriores grudados. Para abordar o problema da infestação, ele recomenda que o empacotamento ocorra muito rapidamente, logo após o descascamento em instalações centrais. As castanhas de caju in natura que estão entrando na fábrica deveriam ficar armazenadas em um espaço diferente do local onde as castanhas são descascadas, a fim de limitar a contaminação; os cestos de palha que atraem bichos também deveriam ser evitados.

Cooperativas Virtuais: A TIC para Melhorar a Produtividade dos Produtores Africanos de Caju
A IAC Fecha Parceria com a SAP

Claudia Schuelein, IAC

SAP (Sistemas, Aplicações, Produtos) SA: Na condição de líder de mercado em aplicativos de software empresarial, a SAP ajuda as companhias de todos os tamanhos e setores a funcionarem melhor. Desde escritórios remotos à sala da diretoria, de armazéns à frente de loja, de computador de mesa a dispositivos móveis – a SAP possibilita que pessoas e organização trabalhem juntas, de forma mais eficiente, e usem uma visão aprofundada de negócios de forma mais efetiva para permanecerem à frente da competição. As aplicações e os serviços da SAP possibilitam que mais de 170 mil clientes operem de forma rentável, que se adaptem continuamente e cresçam de forma sustentável.

A SAP Pesquisas é a unidade de pesquisa tecnológica global da SAP. Ao explorar as tendências emergentes de TI, o grupo impulsiona de forma significativa a pesquisa aplicada, enquanto que mantém o seu foco no impacto e na contribuição sobre os negócios para o portfólio de produtos da SAP.

Para aprender mais sobre a IAC, visite o endereço: http://aci.africancashewalliance.com

O Desafio

Nos países emergentes e em desenvolvimento, as pequenas e microempresas – muitas vezes parte da economia informal – enfrentam grandes desafios econômicos, tais como baixa produtividade, os altos custos de transação e, muitas vezes, uma falta de acesso aos mercados, a serviços de logística e a instrumentos financeiros. Os produtores rurais de pequena escala das áreas rurais são especialmente afetados por estas dificuldades quando têm de enfrentar a economia já estabelecida.

Embora existam parcerias colaborativas entre os pequenos produtores rurais e os compradores ou comercializadores que estão um pouco mais além na cadeia de valor, as transações comerciais são, muitas vezes, sobrecarregadas com ineficiências e pela falta de transparência. Na maior parte dos casos, o custo é assumido pela economia informal, p. ex., quando produtores rurais de pequena escala estão sofrendo com a exploração por causa de uma rede de intermediários pouco transparentes.

As castanhas de caju in natura são pesadas

O Nosso Objetivo

A parceria entre a SAP e a IAC, chamada de "Cooperativas Virtuais", tem a intenção de fornecer soluções relacionadas às conexões de comercialização e à transparência dentro da cadeia de valor de produção e processamento de caju. As Tecnologias da Informação e das Comunicações (TIC) fornecem os meios para aumentar a produtividade dos produtores de caju, para fortalecer as cooperativas de produtores rurais e para habilitá-los a fazer negócios colaborativos com a economia estabelecida de forma transparente e sustentável.

A Nossa Abordagem

As intervenções relacionadas aos negócios e à tecnologia são guiadas por uma metodologia chamada de "Laboratório Vivo" (Living Lab, em inglês). Este enfoque integral inclui inovações no processo de negócios, proposições de valor agregado para cada elemento-chave, modelos conceituais de receitas, reforço da capacidade organizacional, concepção de um sistema expansível, desenvolvimento e verdadeira produção em grande escala, bem como uma interação estreita e regular com usuários finais de diversas culturas e procedências sociais.

Usando a TIC para registrar o peso de cada saco cheio com castanhas de caju in natura

As soluções de software prototípicas incluem aplicações móveis para produtores de caju de pequena escala, organizados em cooperativas para fazer a coordenação logística, a venda a granel, a rastreabilidade do produto e o acesso das informações de mercado. Elas permitem os processos colaborativos de negócios entre os produtores organizados e os processadores agrícolas, vendedores por atacado, varejistas, comercializadores e fornecedores de serviços financeiros e de logística, a fim de aumentar a produtividade e a rentabilidade, em especial para os participantes que estão na base da pirâmide econômica. Isto não só promoverá as atividades da economia local, mas também possui o potencial de melhorar a situação socioeconômica de um enorme número de habitantes da área rural que não têm acesso aos serviços.

Além disso, os atores estabelecidos, entre eles as cooperações multinacionais, vão se beneficiar da maior transparência e confiabilidade da cadeia de suprimento. As atividades econômicas existentes entre os atores formais e informais serão reforçadas e as transações comerciais regulares com os mercados da base da pirâmide se tornarão viáveis para a economia estabelecida.

O Impacto

Um "Laboratório Vivo" foi estabelecido com sucesso na Cooperativa de Cultivo de Cajus Wenchi, em Brong Ahafo, no Gana. Oficinas para usuário finais foram organizadas para validar casos de uso prático para as vendas de caju e a logística, design e funcionalidade das aplicações do programa de computador e para aumentar a conscientização dos elementos-chave em relação ao potencial da TIC.

Os principais esforços foram para o desenvolvimento de um sistema de informações prototípico para as aplicações da vida real. O primeiro teste piloto ao vivo foi realizado durante a temporada de colheita de cajus do Gana, de março a junho de 2011. Cerca de 400 produtores rurais de 5 estações compradoras participantes foram registrados. No total, mais de 100 toneladas de castanhas de caju in natura foram comercializadas através do sistema. Foram instalados os materiais de treinamento, a comunicação regular com os elementos-chave locais, as atividades de gerenciamento das mudanças, a distribuição de programas e equipamentos de computador etc. Além disso, foi adquirido equipamento básico com o objetivo de assegurar que houvesse instalações importantes à disposição para a operação do sistema.

Para aprender mais sobre o assunto, assista ao vídeo do projeto no endereço http://www.youtube.com/watch?v=k32D7UrgkCw&feature=channel_video_title

Melhorando a Produção de Material Preparado para o Plantio de Caju no Gana

Claudia Schuelein, ICA

Um dos principais objetivos da Iniciativa Africana do Caju (IAC) é aumentar a produção de cajus e, com isso, aumentar a renda dos produtores de caju.

A IAC colocou o seu foco, desde que o projeto começou em 2009, nos treinamentos de produtores rurais, dando, atualmente, acesso a mais de 130 mil produtores rurais de caju em cinco países africanos a conhecimento sobre as boas práticas agrícola (BPAs). Contudo, as pesquisas científicas em fazendas-modelo, a troca de conhecimentos com especialista de todo o mundo e as simples observações de campo deixaram claro que a aplicação de BPAs só consegue aumentar a qualidade e a quantidade em cerca de 20%. Material melhorado de plantio, contudo, pode triplicar ou até mesmo quadruplicar o impacto sobre a produtividade dos cajueiros da África Ocidental. *(continuação)*

Embora o material botânico disponível nas plantações de caju da África Ocidental seja resistente a secas e outros fatores ambientais típicos da região, a sua produtividade pode e tem de ser ainda mais melhorada para atingir uma produtividade maior e de melhor qualidade.

Mas, até o momento, os produtores de caju ainda não têm acesso a materiais de plantio que possuam um melhor rendimento em suas áreas de produção. Para acelerar a propagação e a disseminação de mudas enxertadas usando replantes de galhos de árvores-mãe de elite (alta produtividade, melhor qualidade p. ex. no tamanho das castanhas, resistência a doenças etc.), a IAC, em colaboração com o Ministério dos Alimentos e da Agricultura do Gana (MAA) e o Instituto de Pesquisas do Cacau do Gana (IPCG), ingressou em um programa de enxertos. Esta operação procura aumentar a produção de material de plantio de alto desempenho através do treinamento de enxertadores em 17 distritos do caju em todo o país.

Em 2011, espera-se que o programa proposto de produção de material de plantio produza 100 mil mudas enxertadas de boa qualidade em 23 viveiros assistidos pela IAC, espalhados pelos 17 projetos nos distritos das regiões do caju no Gana. As mudas serão plantadas para estabelecer um jardim-fazenda de enxertos de 150 hectares, a ser usado mais tarde para principalmente reabilitar e atualizar as fazendas produtoras que tenham baixa produção de cajus. Os produtores rurais também terão a oportunidade de comprar mudas enxertadas destes viveiros para estabelecer uma plantação de cajus de 700 ha.

Os 215 enxertadores que estão passando por treinamento, 60 dos quais são mulheres, foram atraídos de Organizações de Agricultores (OAs) nos distritos do projeto, com cada AO fornecendo 10 enxertadores. Três estagiários estão fazendo treinamento adicional em gerenciamento de viveiros para habilitá-los a gerenciar as atividades futuras. Os enxertadores treinados também se beneficiarão de programa de treinamento futuros da IAC, tais como trabalho de topo (enxertos em árvores improdutivas), desbaste, poda e controle de pragas e doenças. Isto permitirá que eles possam aumentar ainda mais a sua renda ao fornecer serviços a produtores rurais em troca de uma taxa de serviço.

Glossário

O Enxerto é uma técnica de horticultura na qual os galhos de uma planta são inseridos em galhos de outra, de forma que os dois tecidos juntados possam se unir. A técnica é mais frequentemente usada na propagação de plantas cultivadas comercialmente para as vendas agrícolas e de horticultura.

Na maior parte dos casos, uma planta é selecionada por suas raízes. Elas são chamadas de base ou talo da raiz. A outra planta é selecionada por causa de seus troncos, suas folhas, suas flores ou seus frutos, o que é chamado de rebento. O rebento contém os genes desejados a serem duplicados na produção futura através da planta de base ou muda.

Primeira parte do treinamento de enxertadores: a teoria

Parte dois: Emelia Yeboah corta rebentos de um cajueiro selecionado na plantação durante as sessões de treinamento em Kintampo, na Região de Brong Ahafo, no Gana.

Parte três: Treinamento prático com o apoio do IPCG.

Histórias de sucesso de Moçambique: De uma taxa de sobrevivência de 40% para 80% com a assistência da IAC

Claudia Schuelein, IAC

No distrito de Mogincual, o ciclone Jokwe destruiu aproximadamente 30% de todos os cajueiros em março de 2008. A IAC colocou o seu foco na distribuição de mudas naquela área em particular. Por causa do número limitado de técnicos da INCAJU em Mogincual, parcerias com ONGs – notadamente a ADPP, a Salve as Crianças e a OIKOS – foram estabelecidas.

A Associação Xá-Momade plantou uma área de seis hectares como bloco de plantação. 25 membros da associação receberam treinamento de um técnico da ADPP aplicando a abordagem da IAC. No momento eles estão cultivando 264 árvores. Os técnicos relataram que as atividades da associação no ano passado só conseguiram atingir uma taxa de 40% de sobrevivência das mudas de caju. Este ano, a intervenção da IAC em cooperação com a Xá-Momade atingiu a extraordinária marca de mais de 80% de mudas que sobreviveram durante os três primeiros meses.

Associação Xá-Momade: A Presidente Arlinda e outros membros.

Calendário do Caju em 2011

Por favor, entre com contato com a Secretaria da ACA (aca@africancashewalliance.com) para participar de qualquer um dos eventos, contribuir com ideias ou acrescentar algum evento ao calendário do caju.

Agosto de 2011

2-3	Reunião Colaborativa da CEDEAO Acra, Gana
25-26	Sessão de Treinamento do AGOA Centro da USAID para o Comércio da África Meridional Tanzânia

Setembro de 2011

19-22	6ª Conferência Anual da ACA, Banjul, Gâmbia

Outubro de 2011

8-12	ANUGA Colônia, Alemanha

Contate-nos

aca@africancashewalliance.com

ou ligue para +233 302 77 41 62

www.africancashewalliance.com